

UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA ECOSÓFICA AOS (AGRO)ECOSSISTEMAS URBANOS ATRAVÉS DE INTERVENÇÕES ECO-ARTÍSTICAS-DIGITAIS

Isabel Cristina Carvalho¹

Raquel Luz Sousa²

David Leite Viana³

RESUMO: O artigo visa articular a noção de informalidade na criação do espaço agroecológico urbano através do recurso a metodologias em zonas de fronteira transdisciplinar (particularmente da área artística), considerando a prática dos hortelões como um estado de criação. Integrando conceitos ecosóficos, estéticos, artísticos (práticas eco-artísticas comunitárias e eco-arte digital) e sócio-económico-políticos (reforço da produção, da cidadania e da literacia digital) no âmbito da agricultura urbana informal é ensaiada, no artigo, a conceptualização de um cenário aplicativo de metodologias inclusivas de resiliência comunitária. A prática da agricultura urbana enquadrada na criação artística reconfigura o processo de criatividade de resposta a necessidades individuais e engloba-o em contexto de intervenção coletiva. Realça-se o sentido e significado do trabalho criativo funcional da comunidade a partir de práticas eco-artísticas comunitárias que sublinham a relevância da eco-arte digital e, simultaneamente, do artista em cada cidadão no reforço do exercício de cidadania.

Palavras-chave: Metodologia; agricultura urbana informal; ecosofia; práticas eco-artísticas comunitárias; eco-arte digital.

ABSTRACT: This article aims to find ways to articulate the notion of informality in creating urban agroecological space, formulating methodologies in transdisciplinary borderlands, particularly the artistic area, considering gardeners' practice as a state of creation. Integrating ecosophical, aesthetic, artistic (community eco-artistic practices and digital eco-art) and socio-economic-political (strengthening production, citizenship and digital literacy) concepts, in informal urban agriculture, the conceptualisation of an application scenario of inclusive methodologies of community resilience is rehearsed. The approach to the practice of urban agriculture through artistic creation seeks to reconfigure the process of creativity in response to individual needs encompassed in the process of collective intervention, continuously enhancing the sense and the meaning of the functional creative work of the community, intervening from community eco-artistic practices that highlight the digital eco-art and simultaneously the artist in each citizen, in the reinforcement of the exercise of citizenship.

Keywords: Methodology; informal urban agriculture; ecosophy; community eco-art practices; digital eco-art.

¹Isabel Cristina Carvalho é artista, investigadora e arquiteta. Doutorada em Média-Arte Digital, Pós-graduada em Planeamento e Projeto do Ambiente Urbano, Pós-graduada em Gestão de Centros Urbano e Licenciada em Arquitetura. Atualmente é investigadora no Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC-UAb), Lisboa, Portugal. A sua investigação e prática artística foca em processos de apropriação e de apreensão dos espaços urbanos, parte deles desenvolvidos com a participação colaborativa e intergeracional da comunidade. E-mail: isabel.cristina.carvalho04@gmail.com

²Raquel Luz Sousa é investigadora em agricultura urbana, no Centro de Investigação DINÂMIA'CET-Iscte, Lisboa, Portugal. Em 2008, fundou a cooperativa Biosite.com que desenvolve atividade da área de desenvolvimento local, aliando vertentes como a arte, agroecologia, consultoria, formação e investigação. Escreveu vários artigos científicos sobre paisagismo, agricultura sustentável e urbana e participou em várias exposições, performances e práticas artísticas. E-mail: biosite.cabazes@gmail.com

³David Leite Viana é post-doc. em Morfologia Urbana, doutorado em Urbanismo e Ordenamento do Território, DEA em Urbanismo e Licenciado em Arquitetura. Desenvolve atividade profissional na Divisão de Planeamento Urbano (Câmara Municipal de Matosinhos), no Centro de Investigação em Ciências da Informação, Tecnologia e Arquitetura (ISTAR-Iscte-IUL), Lisboa, Portugal, no Programa de Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos (ISCTE-IUL) e no master em SIG Aplicado ao Planeamento da Universidade de Valência. E-mail: david.leite.viana@gmail.com

INTRODUÇÃO

A atual situação de pandemia mundial, resultante da COVID-19, veio demonstrar a necessidade de reforçar o combate às alterações climáticas e avançar em lógicas comunitárias, de solidariedade e de resiliência. A ecosofia proporciona um campo exploratório onde estes processos se equacionam e relacionam com problemáticas associadas ao trabalho, à comunicação em rede e à literacia digital (enquanto ferramenta da (in) comunicabilidade, da (des)informação e de novas soluções). Neste quadro, parte-se para o artigo considerando que a experiência e prática da agricultura urbana informal consubstanciam oportunidades de ensaio de soluções metodológicas convergentes com a existência de mecanismos de resiliência. Neste ambiente de “laboratório”, reconhecem-se processos embrionários de empoderamento e cidadania, através da apropriação de terrenos urbanos desocupados (DelSesto, 2015). A diferença no desfecho destes processos constitui-se como uma abordagem totalmente díspar em relação ao reconhecimento de processos democráticos de cidadania por parte das entidades em diferentes países. É dependente das atitudes das entidades reguladoras e gestoras da cidade, cujo espectro varia entre a substituição da informalidade que os origina, por processos geridos e regulados por estas entidades públicas (Portugal e países latinos (Sousa, 2019)) e o reconhecimento destas iniciativas que automaticamente são semi-formalizadas através do apoio das entidades referidas (Cabannes & Raposo, 2013). Adicionalmente, temáticas relativas à alimentação, conducente a saúde preventiva, fazem parte da construção de respostas coletivas e participativas. Ações deste género, quer pelo tipo de apropriação que proporcionam, quer pela atividade agrícola que geram são, normalmente, otimizadas em termos ecológicos – por ex., em termos da recolha de águas pluviais (através dos telhados das casas de ferramentas) e decorrente controlo do ciclo da água (simultâneo ao controlo de erosão pela elaboração de socacos e a promoção da biodiversidade). Ainda na senda deste exemplo, pode-se avançar que produzem informalmente paisagem, conectada com o aumento da resiliência ecológica e alimentar das cidades assim como com os processos de cidadania referidos.

Constata-se que a cidadania ganha consistência se praticada quotidianamente, de forma interativa e inclusiva, conjugando uma metodologia iterativa com a prática interventiva no terreno. A inclusão de Práticas Eco-Artísticas Comunitária (PEAC) constitui, per si, espaço para o ensaio de outros processos promotores de atividades multifuncionais englobantes de componentes artísticas, produtivas, agroambientais e ecológicas, que questionem e eliminem

normas sociais perpetuadoras de preconceitos, contrastes e assimetrias com grupos vulneráveis (como as minorias étnicas) e contextos onde as desigualdades sociais imperam. Advoga-se, por esta via, o desenvolvimento de comunidades inclusivas e a consolidação da prática da cidadania plena. Defende-se no artigo, deste modo, que partindo da existência do contínuo aprofundamento iterativo de ensaios na comunidade, que se retroalimentem e produzam feedback, serão decorrentemente geradores de investigação conducente a um número cada vez maior de políticas, programas e projetos públicos participativos. Assim, uma cidadania ainda não totalmente vivenciada na sua plenitude acrescenta agora o plano digital, com muitas possibilidades e desafios.

Se, por um lado, existe um vasto leque de abordagens e ferramentas que permitem o acesso e criação de conhecimento e informação para intervir, por outro, persistem muitos fatores que urge melhorar no sentido de mitigar os condicionalismos potencializadores de exclusão que ainda têm associados (por ex.: défices diversos ainda sentidos quanto à inclusão social-espacial em estreita relação com o ambiente, o digital e o exercício da cidadania). São fragilidades (que podem ser estruturais e/ou conjunturais) com impacto na organização das sociedades e na respetiva qualidade geral de vida comunitária e urbana. O artigo foca este tipo de problemas através de PEAC, onde a aplicação de conceitos ecosóficos, englobantes de eco-arte digital, são aplicados a territórios em presença de agricultura urbana informal.

PROBLEMÁTICA DE PESQUISA E FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste artigo, as hortas urbanas informais (enquanto forma de territorialidade) têm associadas diversas vertentes e problemáticas. Por ex., como espaços verdes, são “órgãos vitais” das cidades e participam na manutenção ambiental, na sua qualidade (ar, solo, água, biodiversidade e clima), na produção/reciclagem de energia (fotossintética, alimento e exercício físico) e na rede de interligações dos ecossistemas. O papel que desempenham no metabolismo urbano reforça a perspetiva das cidades como organismos vivos, nos quais o social está intrinsecamente ligado ao ambiental – constituindo um socio-ecossistema (Marzluff et al, 2008; Beatley, 2000). O conceito de deep ecology (Næss, 1973) evoca interações do ambiente, entre seres vivos e entre estes e o mundo inanimado. Para além disto, denuncia o paradigma antropocêntrico dominante, no qual existe a exploração da Natureza como recurso pelo Homem. Næss (1973), estabelecendo a analogia da humanidade como mais um fio na ‘teia da vida’ (web of life), considerava que todos os elementos da Natureza

(inclusivamente os humanos) deveriam ser preservados e respeitados pela sua individualidade, capaz de garantir o equilíbrio do sistema da biosfera. No ano seguinte, Lovelock (1979) avança com a hipótese de Gaia, questionando igualmente a conceção antropocêntrica mecanicista da vida e do universo. Defende uma visão holística de estreita dependência de todos os seres vivos entre si e com o mundo em que vivem. Através do conceito de deep ecology, Næss (1973) e Lovelock (1979), iniciaram uma reflexão relevante para a formação de uma mentalidade mais ética relativamente à Natureza, assinalando a espiral autodestrutiva e simultânea da Natureza e do Homem. O discurso clássico da ontologia em que seria possível desenhar um limite claro entre características ou zonas ontológicas, embora considerado inadequado desde “Jamais fomos modernos” (Latour, 1994), sobrevive ainda nos nossos dias.

A ecologia profunda é um exemplo desta inadequação, dado que nela não existem zonas ontológicas, baseando-se antes no holismo. Segundo Drengson e Yuichi (1995:52), “Os detalhes de uma ecosofia conterão muitas variações devido a diferenças significativas relacionadas não apenas aos ‘fatos’ da poluição, dos recursos naturais, da população, etc., mas também a prioridades de valores.” Regressando a Guattari (1989), as interconexões entre a ecologia e as esferas sociais e ambientais encontram-se influenciadas pelo paradigma da revolução social e do marxismo, desenhando uma multifuncionalidade rizomática unificada, numa abordagem monista. Esta interpretação dá lugar à posterior análise dos fenómenos do capitalismo/neoliberalismo tardio num quadro resumido por Santos (2020:115):

A utilização de sofisticados processos de ocultação da realidade permitem aos agentes que dominam o campo ambiental obter a lealdade das massas, ao mesmo tempo em que evitam sua participação efetiva nos processos de tomada de decisão política, capaz enfrentar as contradições do paradigma ambiental moderno, instituindo uma cidadania passiva, que legitima o processo decisório e o mantém autônomo, mantendo os cidadãos despolitizados mediante a utilização de uma estratégia de distribuição de recompensas dadas pelo sistema.

Guattari (1989) propõe a reformulação do ‘sujeito’ – ‘componentes de subjetivação’ que se comprometem com verdadeiros «territórios de existência», isto é, com domínios do quotidiano da vida e ação humana. Considera que estes processos alternativos de subjetivação não estão enraizados na ciência, mas têm como inspiração um novo paradigma ético-estético, transformando a visão científica reducionista-mecanicista na abordagem aos sócio-ecossistemas. Através de Guattari (1989) torna-se perceptível a ampliação do conceito ecosófico

para o campo da transdisciplinaridade eco-socio-sistêmica, onde a questão da técnica possui uma forte inserção, dada a sua utilização para controlar os efeitos causados por si e pela espécie humana. A contraposição entre Humano e técnica verifica-se falaciosa e inoperante devido à inerente condição humana de *homo technicus*, identificada por Heidegger (cf. Di Felice, 2020) e à exploração da natureza ser parte integrante deste universo comum. Tornando a Santos (2020:186):

Seguindo a dinâmica das crises ambientais, o esgotamento do paradigma ambiental moderno deveria ter instaurado um momento de transição paradigmática, após o qual os problemas ecológicos poderiam ser tratados adequadamente, reforçando os laços sociais e compatibilizando o agir instrumental com os limites ecossistêmicos.

No contexto da alta Modernidade, a crise ambiental não consegue ser abordada ao ponto de alcançar o momento de transição paradigmática, protelando-se e ameaçando a continuidade da reprodução de uma existência humana considerada digna. A crise ambiental moderna é crônica, encontrando-se bloqueada, procrastinada enquanto impossibilidade do próprio sistema que se constrói nesta crise. No entanto, à luz de descobertas recentes, constata-se que o desfasamento entre Natureza e as causas antropocêntricas da sua agressão é mais complexo. A conceção ecosófica considera o Homem parte integrante da Natureza, sendo que a ideia de fronteiras entre estes dois conceitos é inexistente. Esta ideia é exemplificada através do tempo. Tomando como exemplo inicial os desenhos de Leonardo da Vinci de protótipos voadores, baseados no voo das aves, passando pela constatação que soluções atuais de planeamento participativo que confirmam o conhecimento empírico de antigas soluções comunitárias e chegando a “Interacting Gears Synchronize Propulsive Leg Movements in a Jumping Insect” de Burrows e Sutton (2013) onde se constata que as roldanas existentes desde o séc. XVII, que anteriormente se acreditava serem invenção humana, advém afinal de um exemplo natural de um mecanismo de engrenagem funcional descoberto num inseto comum – mostrando que a evolução desenvolveu engrenagens interligadas muito antes de nós. As respostas técnicas e os mecanismos encontrados pelo Homem – cujo impacto se fazem sentir, maioritariamente, a partir da Revolução Industrial – são, afinal, reproduções adaptadas de soluções provenientes do mundo natural, sendo um precedente evolutivo.

Assim a mencionada procrastinação da crise ambiental (e sua importância) demonstra uma contradição fundamental com a própria realidade, analisada de um ponto de vista ecosófico e não antropocêntrico. Esta incoerência deu origem à tentativa de simulação da própria

Natureza pela tecnologia, confirmando a existência da contradição ontológica de Latour (1994), entre ciência e política, que permite a existência de híbridos não reconhecidos. Seguindo nesta linha panorâmica e regressando à Gaia Hypothesis – que questionou a concepção antropocêntrica mecanicista da vida e do universo – defendendo uma visão holística, seguimos para o conceito de não-humano de Latour (1994), que remete para a confirmação do fio condutor não antropocêntrico, permitindo posterior investigação sobre a origem natural de soluções mecanicistas humanas. No entanto, permitiu também a adoção do mesmo conceito pelo pós-humanismo, onde reverteu para a predominância da tecnologia (no híbrido Natureza/Tecnologia).

Em síntese, Næss (1973) e Guattari (1989) cunharam o termo *ecosofia* (*ecosophy*), a partir de abordagens complementares: segundo Drengson (1999), "Em seu discurso, Næss discutiu o pano de fundo expandido do movimento ecológico e sua conexão e respeito pela natureza e o valor inerente dos outros seres vivos."; já Guattari (1989) foca a problemática social. Estas duas perspectivas são próximas da referida noção de *socio-ecossistema*, que se adapta, neste artigo, à problemática da agricultura urbana. Continuando a referenciar Guattari (1989), destaca – no cerne de uma abordagem relacional e holística – a necessidade de compreender problemáticas ecológicas e aponta não só no sentido da inter-relação entre a responsabilidade individual e as ações de grupo na resposta à crise ecológica, mas também no da revolução política, social e cultural (à escala global). Assim, no aprofundamento ético-político da *ecosofia* relaciona três contextos ecológicos: i) meio ambiente; ii) relações sociais; e, por fim, iii) subjetividade humana. A perspectiva *ecosófica* defende a importância das relações intra e inter espécies, mais tarde interpretada por Latour (1994) através dos conceitos humanos e não humanos (também adotada noutra perspectiva pelo pós-humanismo).

A visão mecanicista antropocêntrica do universo humano parece assim diluir-se quando se perspetiva o Homem como ser imbuído de Natureza e com origem nesta, colocando num contexto unificador o anterior antagonismo máquina-tecnologia-Natureza. Atualmente, esta hibridização traduz-se também no pós-humanismo, que expressa estes princípios pela recomposição do humano, colocando-o em fluxo de relações com múltiplos outros (Braidotti, 2013). Assim, embora seja possível encontrar na ontologia pós-humanista através da hibridização, aproximações à ecologia e à *ecosofia*, também existem contradições fundamentais entre ambas, na perspetiva que remete para a origem natural de soluções mecanicistas humanas, exemplificadas pela predominância da tecnologia.

Avançando nesta secção do artigo para a noção de estética – em grego, *aisthetikós* – refere-se ao que é percebido pelos sentidos. Já *aísthesis*, do latim, alude à sensação e sensibilidade, pois é na essência da “produção” de algo que se desenvolve a experiência que envolve os sentidos (e não apenas no fruir dessa produção de forma coletiva ou individual). A experiência estética do ser/fazer/sentir/existir chama a atenção para o modo pelo qual as culturas são faladas/expostas/exploradas/ pela arte nas diferentes linguagens: o texto, a pintura, o vídeo e outras. A reflexão estética resulta na apreensão estética, voltada para o proporcionar experiências de sentidos, podendo ou não incluir inovação tecnológica. Conforme Marcos (2012:144):

Meditação estética significa aqui também a conceção e criação de mecanismos de questionamento do mundo através de um processo de interação com o artefacto em desenvolvimento para (re)criar significados ou reforçar sentidos. “O princípio teórico-filosófico da produção partilhada do conhecimento oferece um espaço de democracia, de respeito mútuo pautado na experiência estética de ver, ouvir, sentir, construir (cf. Vicini & Bairon, 2019:228).

Para Dewey (1980), todo o fazer pode significar uma experiência estética, incluindo até o ato da sua percepção – desde que percebida conscientemente em seu caráter intelectual, emocional e estético (inclusive no nosso quotidiano). É a obra que é produzida em um espaço geográfico qualquer que produz a experiência estética tanto daquele que a produz como daquele que venha a contemplar essa obra. Neste mesmo sentido, Joseph Beuys (Kuoni, 1993) proclamava nos anos de 1970 que “todos somos artistas e que até o ato de descascar uma batata pode ser uma obra artística” (cf. Vicini & Bairon, 2019:241,242). O importante seria a forma pela qual se promove o sentido do ato que se venha a desenvolver em qualquer trabalho diário, colocando a ênfase no processo entre o ser e o experienciado. Esta perspectiva une-se com o conceito de hibridização entre natureza e tecnologia encontrando-se segundo Coles e Pasquier (2011:5), “Situating at the intersection of human societal concerns for the environment and interests in the human-machine relationship, our research responds to both, and to the particular demands of the dialog between them.” É necessário assegurar, dada a contradição referida (entre o pós-humanismo e a ecosofia), que as soluções tecnológicas assumidamente hibridadas na Natureza não a asfixiem. Embora a hibridização se consubstancie na evolução ou fluidez dos conceitos que a constituíram, possui a perniciosidade da dificuldade da sua autoanálise inerente à miscigenação daqueles. Complementarmente, não obstante, ser comumente evidente o desequilíbrio da crise

ambiental, não será linear uma identificação clara e teórica das razões do mesmo no seio do híbrido Natureza-Tecnologia – dada a própria natureza fluída do processo de hibridização – reforçando a atual procrastinação na resolução dos problemas inerentes à mudança climática global.

CONTEXTUALIZAÇÃO DE (AGRO) SÓCIO-ECOSSISTEMAS URBANOS A HORTA NA PAISAGEM URBANA

É relevante em populações fragilizadas, genericamente com dificuldade de acesso a standards mínimos de condições de vida, o incremento de mecanismos de resiliência (a boa alimentação (conducente à saúde preventiva) e processos embrionários de cidadania, por ex.) que façam parte de respostas coletivas e participativas – como na agricultura urbana informal, nas quais, as respetivas comunidades que a praticam produzem bens alimentares nas cidades apropriando-se de terrenos não construídos. Neste contexto, através das hortas, por ex., acabam por desenvolver competências de empoderamento (mesmo que não “convencional”) traduzida, por ex., na autonomia do processo de decisão da apropriação de terrenos disponíveis (mesmo que considerada, institucionalmente, ilegal). Afunilando esta perspetiva, entende-se que a prática da jardinagem, per si, constitui-se enquanto processo de produzir paisagem informalmente. Adicionalmente, as ações tomadas para o efeito (quer na apropriação, como na atividade agrícola posterior) são, normalmente, otimizadas em termos ecológicos (Sousa, 2018), como a recolha de águas pluviais (através dos telhados das casas das ferramentas) e decorrente controle do ciclo da água – simultâneo ao controlo de erosão pela elaboração de socacos – acompanhado pela biodiversidade. Ainda cumulativamente, a jardinagem, como contacto com a Natureza tem efeitos terapêuticos, sendo que o controlo do ambiente diminui os níveis de ansiedade (Bernardo, Palma-Oliveira, 2013), otimizando esta atividade os níveis de bem-estar.

A HORTA URBANA INFORMAL ENQUANTO EXPRESSÃO ARTÍSTICA EM CONTEXTO DE RESILIÊNCIA URBANA

Neste artigo, defende-se a relevância da horta urbana informal em distintos enquadramentos, como o político, social, económico, ecológico. Aproximando os hortelões urbanos da fonte dos seus alimentos, mitigando o isolamento e criando comunidades, as

hortas comunitárias informais são vistas enquanto plataforma particularmente eficaz para atuar em questões sociais e ambientais, através da criatividade presente na experiência praticada pelos hortelões, ao desenvolverem práticas eco-artísticas comunitárias (Sousa, 2017). Assim propomos refletir através de processo colaborativos artísticos relacionados com a jardinagem e com práticas criativas/artísticas dos hortelões, integrantes da ecologia, acrescentando a componente digital numa ótica ecosófica. Complementarmente, é comum haver vegetação nos nossos espaços públicos. No entanto, essa vegetação, esses elementos vivos, raramente são considerados enquanto parte dos seres que integram e usam esses espaços (perspetiva ecosófica), dado serem entendidos como elementos numa ótica de utilização e composição úteis para o design do espaço público. Mesmo alguns elementos tidos como indesejáveis (como o caso das infestantes) são ecologicamente importantes.

Este artigo defende ser necessário consubstanciar a arte/criatividade ligada a dois vetores estruturantes que se imbricam no século XXI – a ecologia e a tecnologia – na promoção da inovação nesta correlação e no estabelecimento de padrões mais altos de compromisso holístico relativo ao híbrido Natureza/ambiente-humano, perspetivando o novo paradigma que urge iniciar devido à emergência climática. Sustenta esta posição o conjunto de questões filosóficas e de consciência (enquadradas pela abordagem ecosófica advogada neste artigo, em que se adota ideias do movimento Deep Ecology) e o propósito de impulsionar um novo modo de nos compreendermos enquanto "seres que são Natureza", ao invés de “apenas” seres que podem (ou não) defender a Natureza. No quadro desta abordagem ecosófica, propõe-se debater o âmbito de operacionalização da correlação da trilogia Natureza+Humano+Tecnologia com a trilogia contexto político/estético/ético.

Abordar através da investigação de metodologias que aplicam práticas eco-colaborativas artísticas como incentivo ao exercício da cidadania, utilizando a agricultura urbana/jardinagem e ensaiando a possibilidade criativa inerente a esta prática, em conjunto com processos artísticos digitais, faz parte dos objetivos deste artigo. Adicionalmente isto permite simultaneamente o acesso à inclusão através da eco-literacia digital. Esta abordagem, justifica-se também pelo historial destas populações em termos de criatividade como resolução dos problemas diários, com alguns projetos artísticos a provar a sua efetividade, como por exemplo o projeto “Grow” coordenado pela artista Holly Schmidt, que se apresenta como um laboratório criativo e artístico para práticas de sustentabilidade ecológica e social (<http://grow-urbanagricultureproject.ca/>).

Face ao exposto, advogam-se abordagens participativas direcionadas para a colaboração. Assim, igualmente numa lógica pivotante, destaca-se nestes processos a entreada em tarefas essenciais suportada pela criatividade. Assim parece frutuoso desenvolver esta vertente nestas comunidades geralmente ainda ligadas a processos criativos funcionais, quer de produção de alimentos, quer outras, relacionadas com arts & crafts e eco-arte. Aqui os ingredientes artísticos são para além das práticas eco-artísticas colaborativas, incluindo as digitais como o mapeamento, a prática da jardinagem per si que se constitui como uma forma de produzir paisagem informalmente, utilizando como ligante a eco-arte digital.

PEAC E ECO-ARTE DIGITAL

O espaço público/verde socialmente construído, associado à eco-arte digital, possui potencialidades experienciais e perceções multissensoriais (individuais ou coletivas) que podem fazer parte do incentivo à participação pública e interações sociais. Os conceitos de media-arte, evolução tecnológica, exploração de novas formas /matérias, a relação entre novas tecnologias e a arte são abordados por Priscila Arantes (2006) e Arlindo Machado (1993), ao considerarem a media-arte como o recurso às novas tecnologias dos diferentes medias, com vista a alternativas estéticas. Novas linguagens artísticas trabalham os sentidos e são responsáveis pelas transformações na forma da percepção, construindo novas capacidades de fruição e vivência estética.

Almeja-se o incremento do contacto com a Natureza associado a intervenções artísticas (teatro comunitário, urban media-art, eco-arte digital) e apoiado na interação sensorial com aquela, resultando em experiências estéticas dominadas pela diversidade da percepção qualitativa do ambiente envolvente (Verhoeff, Merx, De lange, 2019). Recorrendo à tecnologia – enquanto ferramenta que possibilita novos modos de relacionamento entre humanos-tecnologia-ecologia – ampliam-se sensações, envolvimento social e comunitário, reverberando numa construção cultural. Coles e Pasquier (2015) acrescentam que a interatividade possibilitada pela eco-arte digital interage com a abrangência da sensorialidade da Natureza e exponencia a capacidade de plataformas/espacos/conexões em expandir narrativas e memórias culturais e históricas, bem como a sua relação entre o local e o global. Esta nova visão implica “(...) rethinking methodologies and iconographies for what they say, and do not say, about the constructions of race, gender, class and nation. (...) we must re-examine cultural objects and social practices to understand the patterns of everyday life that

shape the past and inevitably imprint the future.” (Reilly, 2018:22). Neste contexto – reconhecendo os espaços urbanos crescentemente expandidos e capazes de se transformarem no referente à interação, reação e comunicação – defende-se ser necessário articular multidisciplinarmente o lugar, a interface e as pessoas, bem como a análise das inter-relações resultantes (Carvalho, 2016). No âmbito do proposto neste artigo, este tríptico (lugar, interface, pessoas) é reconfigurado na horta (lugar) intervencionada pela eco-arte digital (interface) promotora da participação pública e interação social (pessoas) – alvitando intervenções no eco-socio-ecossistema. A perspetiva relacional passa por diferentes abordagens, como por exemplo em termos de género com o domínio patriarcal na posse de território e de controlo de água e outros fatores de produção, que nas hortas pode ser relevante, dada a possível diferença representada pela teoria do ecofeminismo, defendendo uma simbiose ao longo do tempo, da mulher com a Natureza, como estratégia de apropriação e intervenção ao lugar e possivelmente à interface.

CENÁRIO DE INTERVENÇÃO PEAC EM (AGRO)SOCIO-ECOSSITEMAS URBANOS – PROPOSTA METODOLÓGICA

Seguidamente à abordagem a conceitos ecosóficos, estéticos, artísticos (práticas eco-artísticas comunitárias e eco-arte digital) e sócio-económico-políticos (reforço da produção, da cidadania e da literacia digital), associados a contextos de agricultura urbana informal, avança-se no artigo para a metodologia de abordagem ecosófica em cenário concetualizado. Visto tratar-se de conceptualização teórica de cenário, a proposta metodológica – que contempla, por princípio, o envolvimento da comunidade – assenta na pesquisa artística PEAC e centra-se no conceito de socially engaged art (Helguera, 2011). Ter-se-á como referência a abordagem ensaiada na instalação artística Mulheres#DaBairrada (Figura 1), apresentada pelas autoras deste artigo no evento ‘Festa do Bunho e do Junco’ (2020), na Anadia (Portugal).



Figura 1 – Vídeo instalação Mulheres#DaBairrada, Carvalho & Sousa, 2020.

A temática da instalação artística foi a tradição, a feminilidade criativa e relação com aspetos ecológicos e agro-ecológicos locais.

Pela inclusão da eco-arte digital pretende-se incrementar a capacidade outrora adquirida do perceber/sentir, que ao longo dos tempos se tornou latente, especialmente na atualidade. Alheados do híbrido Humano-Natureza (Latour, 1994), urge reavivar níveis subconscientes vários, desde o mental, genético, molecular, energético, promovendo uma consciência significativa da referida hibridização. A partir de exemplos como as vivências de povos ameríndios (Levi Strauss, 1962; Bohm, 1996), a proposta metodológica aponta para a integração holística em processos eco-artísticos e eco-artísticos-digitais em intervenções no território da agricultura urbana. Como indicado, consideram-se as hortas urbanas informais como lugares de afirmação de identidade e demarcação de territorialidades nas cidades, enquanto expressão de comunidades urbanamente fragilizadas. Detêm nelas espaço para ensaio de interações entre hortelões, artistas e participantes de forma colaborativa e cooperativa. Na proposta metodológica referida estabelece-se a ponte entre saberes e fazeres, teoria e prática, hibridando quem faz paisagem, quem a contempla e usufrui. Visa-se o fazer intelectual, emocional e estético que, conforme alude Kuoni (1993), procura a interação em que “todos somos artistas”, em que a experiência estética é tanto daquele que a produz como do que venha a usufruir dela, de forma contemplativa e/ou interativa.

A abordagem à prática da agricultura urbana através da abordagem PEAC procura “(...) identificar práticas de experimentação em zonas de fronteira, na reformulação, no repensar, refazer e reconstruir que transforme o processo de criação num processo de investigação (...)” (Marcos, 2012:138). A proposta metodológica aplicada em (agro)ecossistemas urbanos pretende promover – em contextos de vulnerabilidade espacial, ambiental e de exclusão social – a consciencialização e a prática dos direitos e deveres da cidadania plena nos planos físicos e digitais para comunidades e cidades inclusivas, resilientes, inovadoras e reflexivas.

Conforme comentado, esta proposta metodológica que se advoga neste artigo assenta no incremento do pensamento ecosófico pela noção de “eu sou Natureza” (Worthy, 2013) em contexto PEAC e na espacialidade estruturada na diversidade cultural. Por esta via, perspectiva-se o reforço da cocriação e co-governança de cidades social e ambientalmente mais justas e inclusivas. A relevância desta proposta metodológica, englobante das PEAC, potencializa o empoderamento comunitário associado (reforçando igualmente o existente), enquadrando também a individualidade na literacia digital e no acréscimo da capacidade de auto-expressão em processos eco-artísticos digitais colaborativos. Através da PEAC pretende-se:

1. questionar como é realizada a apropriação pela perspectiva do processo de escolha do lugar, elaboração das hortas, seleção e transporte dos produtos vegetais e paradigmas de consumo de bens alimentícios e fatores de produção;
2. estimular o pensamento criativo e crítico, (também espacial) através da intervenção urbana em laboratório PEAC de horticultura, aumentando a resiliência alimentar e urbana;
3. melhorar a cidadania (física e digital) e reduzir assimetrias, desafiando estereótipos e desigualdades de género, promovendo a participação, inclusão e literacia digital em cidades colaborativas;
4. capacitar o cidadão como agente ativo de cidadania e de mudança social;
5. aumentar as lógicas de solidariedade – redes de apoio comunitário/produção e distribuição alimentar, como fatores de igualdade de género, cidadania e planeamento urbano colaborativo.

Consequentemente integra-se a metodologia ecosófica englobante de PEAC, em ações que as efetivem, como por ex.:

- dinâmicas de grupo inseridas na prática de teatro comunitário, que desenvolvam o pensamento crítico através de processos criativos como resolução de problemas comunitários;
- conceção de uma horta bio-intensiva como instalação de eco-arte digital, expressão de conceitos holísticos eu sou natureza/nós somos natureza, base da cidade resiliente, traduzida em qualidade de vida no trinómio aumento do rendimento/alimentação saudável/qualidade ecológica.

Acompanhando o supra listado referencia-se ainda o mapping sistemático de dinâmicas sociais e da apropriação espacial (Viana e Carvalho, 2016), assente em abordagens qualitativas e métodos quantitativos presentes na metodologia Trac(k)ing (Viana, 2019). Através do rastreio digital, quer de processos de produção alimentar e criativos associados, quer dos percursos/movimentos das pessoas e bens alimentares nos espaços urbanos, deteta-se o nível de envolvimento comunitário e do desenvolvimento de dinâmicas sócio-espaciais (coletada enquanto crowd data com recurso a smartphones).

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se ao longo do artigo que, através de uma metodologia ecosófica englobante de PEAC e aplicativa do conceito eu sou natureza/nós somos natureza na prática da agricultura urbana, pode ter papel determinante na reconfiguração de processos de criatividade. Estes verificam-se na intervenção conjunta quando chamada à resposta a necessidades individuais/coletivas. Neste âmbito, de acordo com o concluído na secção anterior do artigo, urge o reforço continuado do sentido e significado do trabalho criativo comunitário, no qual há espaço para realçar o artista em cada cidadão no reforço do exercício de cidadania. Destacou-se que as hortas comunitárias informais constituem contexto particularmente eficaz na promoção da consciencialização e prática dos direitos e deveres de cidadania com foco em questões sociais – diferenças entre género, domínio patriarcal na posse de território e de controlo de água e outros fatores de produção, situações de vulnerabilidade económica – que podem ser mitigadas pela PEAC envolvente da eco-arte digital, podendo o quadro de informalidade generalizar-se a outras espacialidades e situações. Complementarmente, também na proposta metodológica, salientou-se a importância de novas abordagens em que a funcionalidade artística produz territórios urbanos de forma colaborativa e equitativa, assente em lógicas de proximidade, solidariedade, eco-manutenção e eco-rentabilização de espaços expectantes nas cidades. Sublinhou-se que os modos de otimizar estratégias de comunidades, onde os processos criativos são inerentes à informalidade em termos sociais atuais, revela a pertinência da inclusão da metodologia ecosófica englobante de PEAC, potencializando soluções eco-técnico-digitais para a produção alimentar e também de empoderamento e desenvolvimento da cidadania plena.

A prossecução da abordagem PEAC, para além da sua aplicabilidade a outras realidades de informalidade, antevê-se estruturante para a continuidade da apropriação de

conceitos (como pensamento crítico, cidadania, empoderamento e igualdade de género), onde a horta bio-intensiva como instalação de eco-arte digital servirá de veículo para o encontro de novas soluções de eco-produção e autossuficiência alimentar, permitindo o reforço de redes de apoio comunitário/produção e distribuição de alimentos, como fatores de planeamento urbano colaborativo.

Agradecimentos

Esta publicação resulta do apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), Portugal. A investigação da co-autora Isabel Cristina Carvalho é financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) com a referência [CEECIND/04642/2017].

A investigação da co-autora Raquel Luz Sousa é financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) com a referência [SFRH/BD/120524/2016. Ref.^a CRM:0022085].

REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. Entre a arte e a tecnologia. O corpo como motor da obra. DeSignis: Publicación de la Federación Latinoamericana de Semiótica (FELS), n.º. 10, págs. 85-94. 2006

BEATLEY, Timothy. Green Urbanism, Learning from European cities. Island Press, Washington D. C. 2000.

BERNARDO, Fátima; **PALMA-OLIVEIRA**, José. Place identity, place attachment and the scale of place: The impact of place salience. Psychology 4, 2, 167 - 193. 2013.

BOHM, David. On Creativity. London: Routledge Classics. 1996

BRAIDOTTI, Rosi. The Posthuman. Cambridge (UK) & Malden (US): Polity Press. 2013.

BURROWS, Malcolm; **SUTTON**, Gregory. Interacting Gears Synchronize Propulsive Leg Movements in a Jumping Insect. Journal of Experimental Biology. American Association for the Advancement of Science. Vol. 341, no. 6151, 1254-1256. 2013.

CARVALHO, Isabel Cristina. Média-arte locativa e mapeamentos dinâmicos na compreensão de fluxos urbanos: o contributo do dispositivo móvel na atividade do caminhar como prática artística. Tese de Doutoramento. Faro: Universidade do Algarve & Universidade Aberta. 2016

COLES, Laura; **PASQUIER**, Philippe. Digital eco-art: transformative possibilities. Digital Creativity, Vol. 26, No. 1, 3–15, 2015.

_____. LocoMotoArt: Interacting within natural setting through performance using pico-projection. In the proceedings of the International Symposium of Electronic Artists, ISEA – Istanbul. 2011.

DELSESTO, Matthew. Cities, Gardening, and Urban Citizenship: Transforming Vacant Acres. Cities and the Environment (CATE). Volume 8, Issue 2. Urban Vacant Land and Community. The New School. 2015.

DEWEY, John. Arte como experiência. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DI FELICE, Massimo. Martin Heidegger. A questão da técnica. Paulus. 2020.

DRENGSON, Alan; Ecophilosophy, Ecosophy and the Deep Ecology Movement: An Overview Revised. The Trumpeter 14: 110-11. 1999 [1997]

DRENGSON, Alan; **YUICHI**, Inoue. The Deep Ecology Movement. Berkley: North Atlantic Publishers. 1995.

GUATTARI, Félix. The Three Ecologies. I. Pindar & P. Sutton (trads.). London & New Brunswick: The Athlone Press. 1989.

CABANNES, Yves; **RAPOSO**, Isabel. Peri-urban agriculture, social inclusion of migrant population and right to the city : practices in Lisbon and London. City, Routledge. 2013, 235-250.

HELGUERA, Pablo. Education for socially engaged art: A materials and techniques handbook. New York, NY: Jorge Pinto Books. 2011.

KUONI, Carin. Joseph Beuys in America. New York, EUA: Ed. Four Walls Eight Windows, 1993.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. La Pensée sauvage. Paris, Plon, 1962.

LOVELOCK, James. Gaia: a new look at life on Earth. Oxford: Oxford University Press, 1979, pp. vvi-12.

MACHADO, Arlindo. Máquina e Imaginário: o Desafio das Poéticas Tecnológicas. São Paulo: EDUSP, 1993.

MARCOS, Adérito. Instanciando mecanismos de a/r/tografia no processo de criação em arte digital/computacional. INVISIBILIDADES: Revista Iberoamericana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes. 2012

MARCUS, Clare Cooper; **BARNES**, Marni. Healing Gardens. John Wiley&Sons; 323–382, U.S.A. 1999.

MARZLUFF, John et al. Urban Ecology, An International Perspective on the Interaction Between Humans and Nature. Springer, New York, E.U.A. 2008.

NAESS, Arne. The shallow and the deep long-range ecology movements: a summary. Inquiry. 1973, vol. 16, pp. 95–100.

REILLY, Maura. Curatorial Activism. Towards an Ethics of Curating. Thames & Hudson. 2018.

SANTOS, Agripino. Tecnonatureza, Transumanismo e Pós-Humanidade: o Direito na hiperaceleração biotecnológica. Salvador: JusPodivm. 2020.

SOUSA, Raquel. A Agricultura no concelho de Lisboa: denominadores comuns e diversidade - uma abordagem socio ecológica no planeamento urbano. Atas, PNUM. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. 2019.

_____. An eco services retro-feedback contribution to Green Economy. 28th RESER Conference, Chalmers University of Technology. Gothenburg, Sweden, September 20-22, 2018.

_____. Hortas e Ambiências Holísticas. Interact. Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia. <http://interact.com.pt/26/hortas-e-ambiencias-holisticas/>. 2017.

VERHOEFF, Nanna; **MERX**, Sigrid; **DE LANGE**, Michiel. Urban Interfaces: Media, Art and Performance in Public Spaces. Leonardo Electronic Almanac 22, no. 4. 2019.

VIANA, David. Maputo: (auto) organização e forma-dinâmica urbana. Universidade do Porto, edições. 2019.

_____; **CARVALHO**, Isabel Cristina. The study of the urban ‘dynamic-form’ through mapping social dynamics and spatial appropriation. In Journal Revista de Morfologia Urbana (RMU). PNUM/Lusophone Network on Urban Morphology. Porto Portugal. pp.29-42. 2016

VICINI, Magda; **BAIRON**, Sergio. Experiência estética, produção partilhada do conhecimento e pós-humanismo: a arte mural em terra kaingang. Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - BIEV/LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS. 2019, v.20, n. 50.

WORTHY, Kenneth. Invisible Nature: Healing the Destructive Divide Between People and the Environment. Prometheus Book. 2013